

**O LUGAR NA GEOGRAFIA HUMANISTA: UMA REFLEXÃO SOBRE O
SEU PERCURSO E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS – ESCALA, CRÍTICAS E
CIENTIFICIDADE**

Rodrigo Capelle **SUESS**

professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Mestre em
Geografia na Universidade de Brasília - UnB
rodrigo.cappellesuess@gmail.com

Antonia da Silva Samir **RIBEIRO**

Doutora em Educação pela Universidade de Brasília com mestrado em Gestão e Planejamento
Ambiental
antonia.samirribeiro@gmail.com

RESUMO: O conceito de lugar é uma ideia bastante explorada em ciências humanas, em particular, na Geografia. A Geografia já foi definida como a ciência dos lugares por La Blache, contudo, com sentido de localidades. A descrição que faz mais sentido ao uso atual dado ao conceito de lugar pela Geografia Humanista é a definição retomada por Tuan nos anos 1970, que considera que a Geografia é a ciência que estuda a terra como lar das pessoas. Sendo assim, lugar se revela por apresentar significados e afeições, boas e ruins, estabelecidos entre o homem e o espaço geográfico. Todavia, para tal definição foi necessário um percurso, por isso este artigo tem como objetivo principal analisar o conceito de lugar na Geografia humanista no decorrer da história do pensamento geográfico e, também, desvelar questões contemporâneas que envolvem esse conceito – escala, críticas e cientificidade. Isto quer dizer que não fugimos do debate de apontar supostas fragilidades levantadas por geógrafos de outras abordagens geográficas e questões contemporâneas como a escala do lugar e a sua cientificidade. Para isso, este trabalho se norteou pela pesquisa bibliográfica, mas, igualmente, por reflexões teóricas aplicadas a trajetória acadêmica dos autores dessa pesquisa. Assim, espera-se que as discussões teóricas levantadas neste trabalho possam fomentar novas reflexões e questionamentos sobre a epistemologia geográfica, em especial, a respeito dos conceitos geográficos.

Palavras-chave: Lugar. Geografia Humanista. Conceitos geográficos. Escala. cientificidade.

THE PLACE IN HUMANIST GEOGRAPHY: A REFLECTION ON HIS COURSE AND CONTEMPORARY ISSUES - SCALE, CRITICISMS AND SCIENTIFICITY

ABSTRACT: The concept of place is an idea well explored in the human sciences, in particular, in Geography. The Geography has already been defined as the science of places by La Blache, however, with a sense of localities. The description that makes more sense to the current use given to the concept of place by Humanist Geography is the definition taken up by Tuan in the 1970s, who considers that Geography is the science that studies the earth as the home of people. Therefore, the place reveals itself, to present meanings and affections, good and bad, established between man and the geographical space. However, for such a definition was necessary a course, that is why this article has as main objective to analyze the concept of place in humanistic geography throughout the history of geographical thought and also to unveil contemporary issues involving this concept - scale, criticism and scientificity. This means that we do not escape the debate of to point out supposed weaknesses raised by geographers from other geographical approaches and contemporary issues such as the scale of the place and its scientificity. For this, this work was guided by bibliographical research, but also by theoretical reflections applied to the academic trajectory of the authors of this research. Thus, it is expected that the theoretical discussions raised in this paper can foment new reflections and questions on the geography epistemology, in particular, on the geographical concepts.

Keywords: Place. Humanist Geography. Geographical concepts. Scale. Scientificity.

EL LUGAR EN LA GEOGRAFÍA HUMANISTA: UNA REFLEXIÓN SOBRE SU PERCURSO Y CUESTIONES CONTEMPORÁNEAS - ESCALA, CRÍTICAS Y CIENTIFICIDAD

RESUMEN: El concepto de lugar es una idea bastante explotada en las ciencias humanas, en particular, en la Geografía. La Geografía ya fue definida como la ciencia de los lugares por La Blache, sin embargo, con sentido de localidades. La descripción que tiene más sentido al uso actual dado al concepto de lugar por la Geografía Humanista es la definición retomada por Tuan en los años 1970, que considera que la Geografía es la ciencia que estudia la tierra como hogar de las personas. Siendo así, lugar se revela por presentar significados y afectos, buenas y malas, establecidos entre el hombre y el espacio geográfico. Sin embargo, para tal definición fue necesario un recorrido, por eso este artículo tiene como objetivo principal explorar y analizar el concepto de lugar en la Geografía humanista en el transcurso de la historia del pensamiento geográfico y, también, desvelar cuestiones contemporáneas que envuelven ese concepto - escala, críticas y científicidad. Esto quiere decir que no huimos del debate de señalar supuestas fragilidades planteadas por geógrafos de otros enfoques geográficos y cuestiones contemporáneas como la escala del lugar y su científicidad. Para ello, este trabajo se orientó por la investigación bibliográfica, pero también por reflexiones teóricas aplicadas a la trayectoria académica de los autores de esa investigación. Así pues, se espera que las discusiones teóricas planteadas en este trabajo puedan fomentar nuevas reflexiones y cuestionamientos Sobre la epistemología geografía, en particular, respecto a los conceptos geográficos.

Palabras clave: Lugar. Geografía Humanista. Conceptos geográficos. Escala. Cientificidad.

PALAVRAS INICIAS

Sabe-se que o interesse e a necessidade de concretizar um objeto de estudo e deixar claro os seus contornos é uma grande preocupação da Geografia Moderna, após diversas reflexões teóricas, fica quase que consensuado que o objeto de análise principal trata-se do espaço geográfico (GOMES, 2012). Desde então, há um fortalecimento no debate desse conceito chave e de conceitos auxiliares que em algum momento da história dessa ciência foram evocados, a saber, o lugar, a paisagem, a região, o território, a sociedade e a natureza. Desses conceitos, o lugar, talvez, seja o menos valorizado, pelo menos em boa parte de sua história enquanto ciência, contudo, atualmente está sendo fortalecido como um dos principais conceitos em Geografia, devido ao grande holofote dado pela Geografia Humanista, através de estudos do mundo vivido, da literatura, da música e da arte, em geral, e também por meio da Geografia escolar, que vê nesse conceito uma importante ferramenta na construção de conhecimentos geográficos.

Como ressalta Ferreira (2000) o mesmo se destaca, recentemente, como uma das chaves para a compreensão das tensões do mundo contemporâneo. Nesse sentido, estudos que debatam esse conceito são de extrema importância, ainda mais, esse conceito que em Geografia tem muito a ser explorado e debatido. A nossa opção epistemológica foi avaliar o lugar por meio das acepções da Geografia Humanista. Pode-se mencionar, ainda, que mesmo fazendo essa opção esse estudo não deixou de consultar o que outras abordagens que pesam sobre o conceito, até mesmo para organizar o seu desenvolvimento ao longo da história do pensamento geográfico.

Sendo assim, lugar nessa óptica é o local que possui significados construídos por indivíduos e/ou grupos sociais, portanto, envolve amor e ódio, acordos e desavenças, ambiguidade e ambivalência, segurança e liberdade, experiência e dia a dia, superficialidade e profundidade, pessoas e objetos, espaço material e imaterial, vida e morte, luz e escuridão, sendo assim, é um local conhecido por suas referências, é particular e/ou compartilhado, é um centro reconhecido de valor e feições.

De tal modo, esse artigo possui o propósito principal de explorar e analisar o conceito de lugar na Geografia humanista no decorrer da história do pensamento geográfico e também desvelar questões contemporâneas que envolvem esse conceito – escala, críticas e cientificidade. Assim, pretende-se responder as seguintes questões como: Qual é o percurso do conceito de lugar na Geografia? Qual é a contribuição da fenomenologia para esse conceito em Geografia? Qual é a escala do lugar? O lugar é um conceito totalmente

científico? Para isso, essa pesquisa é norteadada por pesquisa bibliográfica, mas também por reflexões teóricas aplicadas à trajetória acadêmica dos autores dessa pesquisa. Sendo assim, desejamos uma boa leitura para aqueles que desejam embarcar nessa caminhada!

A IDEIA DE CONCEITO

No que diz respeito à análise dos conceitos geográficos, poderíamos suprimir esse tópico, que passaria despercebido pela maioria de nós, ao consultar diferentes obras da Geografia, inclusive as que falam de conceitos, verificou-se que, a maioria delas sequer mencionam o seu significado.

Segundo Japiassú e Marcondes (2001, p. 39) "conceito: lat. conceptum: pensamento, ideia" (impressão que falta concluir esse texto). Em seu sentido geral, o conceito é uma noção abstrata ou ideia geral. Daí percebemos que a formação deles está totalmente vinculada com o nosso pensar, com a nossa capacidade de abstrair e de construir uma ideia. Ele é antes de tudo, uma construção social da mente (VIGOTSKI, 1989).

Em termos gerais, de acordo com Sposito (2003), pode-se dizer que todo conceito contém sua história, e por isso devemos identificar os autores, as tendências, as pessoas ou grupos ao longo do tempo e do espaço, isso também indica que ele está aberto ao futuro, tendo em vista, as mudanças de pensamentos na sociedade. Sempre que evocado, o conceito exige outros conceitos para efeitos de comparação ou superação (SPOSITO, 2004). Conforme afirma Santos (2004, p. 147), "as categorias sob ângulos puramente nominal mudam de significação com a história, mas elas também constituem uma base permanente e, por isso mesmo, um guia permanente para a teorização".

A construção de conceitos está relacionada às experiências e às situações vividas, a história e ao contexto cultural vivido. Assim, de acordo com Fóurez (1995, p. 238). "[...] os relatos ligados aos conceitos fornecem as pessoas às 'palavras para expressar', as palavras para falar sobre a sua própria experiência". Desse modo, os conceitos são construídos usados para transmitir o vivido, as experiências com significado próprio e, dessa forma, é preciso "[...] criar uma nova maneira de ver as coisas [...] histórias que narram maneira de agir que sejam aceitáveis por uma comunidade científica, na qual introduz normatividade aos conceitos" (FÓUREZ, 1995, p. 238).

Desse modo, entende-se que a formação de conceitos é um processo criativo e complexo, que envolve diversas funções intelectuais para essa formulação, a palavra acaba mediando todas essas operações. A generalização é acompanhada pela síntese e pela

constituição de um sistema. De uma imagem sincrética por meio do pensamento por complexos e o domínio da capacidade de abstrair, nasce o conceito. Quanto mais abstrato e sistematizado, mais próximo da sua versão científica, o enfraquecimento desses níveis aproxima de sua versão espontânea. O que diferencia um do outro é o nível de experiência, apesar de seguirem processos de formação, muitas vezes, díspares um depende do outro em uma relação concreta-abstrata. Um conceito existe para resolver um problema, o seu significado é mutável assim como as pessoas são, esse é o resumo que se pode fazer das ideias relacionadas à formação do conceito para Vigotsky (2008).

De acordo com Sposito, (2004) os conceitos e as ideias fazem parte da elaboração teórica do conhecimento científico em Geografia. E segundo Morin (2000, p. 335) "uma teoria não é o reconhecimento, ela permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é uma possibilidade de tratar um problema". Sendo assim, espera-se que as discussões aqui realizadas permitam contribuir com formulações e aplicações práticas de outros estudos. Visto essas questões, adentraremos na especificidade do conceito de lugar.

ABORDAGEM HISTÓRICA DO CONCEITO DE LUGAR EM GEOGRAFIA HUMANISTA E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Cabe nesta seção percorrer o caminho histórico do conceito de lugar no decorrer das ciências humanas, especialmente, na Geografia. Buscamos, igualmente, discutir questões contemporâneas que envolvem o conceito de lugar na concepção humanista de Geografia, tais como: a relação do lugar com a fenomenologia; a escala do lugar; críticas postas a esse conceito por outros horizontes geográficos e cientificidade desse conceito. Dito isso, começaremos por uma abordagem histórica do lugar.

Leite (1998, p. 9) afirma que "O conceito lugar tem sido alvo das diversas interpretações ao longo do tempo e entre os mais variados campos do conhecimento". Para a autora, uma das mais antigas definições apresentadas sobre o lugar foi a de Aristóteles, que o definia como o limite que circunda o corpo. Agnew (2011) reconhece que, durante o maior período de tempo, o sentido de lugar como local prevaleceu entre os círculos filosóficos, sob forte influência de Platão, Aristóteles e Newton, do qual a Geografia também sofreu influência.

Ao longo da história do pensamento os geógrafos pouco se apropriaram do lugar como conceito-chave para realizar suas análises. Em contrapartida o mesmo foi explorado por outros saberes, apesar de certa banalidade.

Para La Blache (1913, apud, RELFH, 1976) a Geografia é tida como “a ciência dos lugares e não dos homens”, ou seja, ela é essencialmente locacional, e se o homem não se faz presente, tampouco é considerado como um local com significado, vivência e enraizamento. Nessa trilha, Lacoste (1997) reforça essa concepção ao afirmar, para La Blache os lugares eram essencialmente concebidos como quadros físicos ("espaços naturais", "meios geográficos", "regiões naturais" ou delimitados por dados naturais). No entendimento da Geografia como ciência desde suas origens, a mesma foi concebida, segundo Relph (2012, p. 19), "como o estudo de lugares e regiões e, embora nunca tenha ficado claro o que isso significava, era mais subentendida do que evidentemente ciência espacial".

Para Holzer (2003) o lugar nunca se destacou como conceito da Geografia, pois quase sempre foi adotado como referência locacional ou sentido locacional de um determinado sítio. Para Bartoly (2011, p. 68) "em quaisquer das correntes de pensamento da Geografia que trataram e tratam do lugar, reduzi-lo ao sinônimo de local marca um grave erro". Agnew (2011), entretanto, destaca duas concepções de lugar na Geografia: a geométrica do lugar, sendo o mesmo uma mera parte do espaço métrico (latitude, longitude, elevação etc.) e, por outro lado, a de lugar fenomenológico.

Essa primeira concepção é bem utilizada pela Geografia Quantitativa, de base positivista de uso corrente da matemática para suas análises. Tal enfoque foi desaprovado e criticado tanto pelo Horizonte Humanista como pelo Horizonte Crítico. Para Dardel (2011, p. 96) "um dos dramas do mundo contemporâneo é que a Terra foi ‘desnaturada’, e o homem só pode vê-la através de suas medidas e de seus cálculos, em lugar de deixar-se decifrar sua escrita sóbria e vívida".

Ainda mais crítico, Santos (2004) sustenta que não é possível entender alguma coisa desconsiderando sua gênese, para o intelectual esse espaço que a geografia matemática pretende reproduzir não é das sociedades em movimento e sim a fotografia de alguns momentos, gerando assim, uma descrição que, para ele, jamais poderia ser confundida como explicação, e tampouco, ser elevada ao nível do trabalho científico.

Nas abordagens mais recentes, Bartoly (2011) e Leite (1998) lugar seria o produto da complementação das dimensões propostas pela concepção humanística e pela crítica. A concepção humanista será a partir de agora enfocada.

Como explica Mello (1990), o surgimento dessa perspectiva em Geografia se dá no início dos anos 1970, quando alguns geógrafos, descrentes com uma geografia sem homens e procurando romper com o positivismo que predominava na Geografia buscam respostas para suas angústias e caminhos nas filosofias dos significados. Dessa forma, aconteceu uma

aproximação com a Fenomenologia e o Existencialismo (HOLZER, 1997). "Nas pesquisas dessa corrente as expressões e palavras-chave são indivíduo, grupos sociais, espaço e lugar" (MELLO, 2011, p. 7).

Assim, a partir da década de 1980, como expõe Holzer (1999), essa concepção ganha importância nos estudos geográficos, elegendo o lugar um conceito fundamental para o estudo da Geografia. Já para Relph (2012), desde 1990, o lugar se tornou um tema importante e muitas vezes contestado, não apenas na Geografia, mas também por áreas que vão da psicologia à engenharia. Porém, como nos alerta Bartoly (2011) o conceito ainda é pouco estudado na Geografia em comparação com os outros conceitos-chave, ainda o autor acredita que esse conceito quando não é esquecido acaba sendo confundido.

Para Lacoste (1988) a Geografia possui diversas utilidades, e não deve ficar apenas na mão do estado e dos poderosos, visto que ela está presente na vida cotidiana, nos mínimos detalhes. Apesar desse autor não adotar a concepção humanista, contribui em suas apreciações para o renascimento do lugar, conceito da Geografia que está mais próximo da vida cotidiana das pessoas.

Oliveira (2012, p. 18) enfatiza que "o lugar na geografia, desde o início da geografia humanística, foi sempre a essência propriamente dita da ciência geográfica. Refletir sobre o lugar é refletir o seu sentido na geografia". Segundo Tuan (1982, p. 7) essa vertente "reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição", buscando entender "o mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar".

Como menciona Tuan (1979) lugar não é, puramente, um fato a ser elucidado na ampla estrutura do espaço, é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. "Todos os actos da vida, particularmente os que se repetem, implicam certas localizações de formas, de signos, de valores, de representações, e, por conseguinte, criam lugares" (FREMÓNT, 1980, p. 133). Assim, entendemos que o lugar possui uma maior amplitude, deixando de ser visto como um local qualquer na superfície, para incorporar os sentidos experienciais, no qual cada pessoa reconhecerá o significado por meios das relações construídas e estabelecidas. Resumidamente, podemos colocá-lo como "qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas" (TUAN, 2011, p. 8).

Desse modo, como verifica Entrikin (1980), o humanismo contemporâneo em Geografia enfatizará o estudo dos significados, valores, metas e propósitos, no qual o lugar é

criado a partir da rede intangível das relações humanas ou pela vibrações das emoções. Nesse contexto, o autor afirma: a ciência não pode determinar como os humanistas estudam o lugar.

Acadêmicos como Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relph, David Seamon, Nicholas Entrikin são os principais expoentes dessa vertente na Geografia. Esses estudiosos sofrem maior influência da fenomenologia em destaque a Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Nessa concepção, surgem como grandes influências o filósofo Bachelard e o geógrafo Eric Dardel (SUESS, 2016).

No cenário nacional, essa compreensão vem ganhando espaço nos estudos dos pesquisadores, que tem como principais fontes, além dos já citados, João Baptista Ferreira Mello, Werther Holzer, Eduardo Marandola Jr. e Livia de Oliveira. Outros trabalhos recentes de destaque vêm sendo feitos na área e podemos prever uma asserção de grandes pensadores interessados em estudar a Geografia sob esses olhos. Um exemplo desse fortalecimento na escala nacional foi o lançamento do livro *Qual o espaço do lugar?* de organização de Marandola Jr., Holzer e Oliveira (2012). A obra reúne ao todo treze trabalhos de pesquisadores nacionais e estrangeiros preocupados em discutir o tema. A reedição de obras de Yi-Fu Tuan como *Espaço e Lugar* e *Topofilia* traduzidas por Livia de Oliveira e da obra de Eric Dardel (2011) *O homem e a terra efetivada* por Werther Holzer, também, são feitos consideráveis para a temática. Os dois últimos autores brasileiros citados, além de Marandola Jr. fazem parte do Grupo de Pesquisas Geografia Humanista Cultural da Universidade Federal Fluminense - UFF. Tal coligação conta ainda com uma revista eletrônica intitulada *Geograficidade*. Da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, igualmente, se destaca na divulgação de saberes dessa vertente o Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro (NeghaRio), sob coordenação do professor João Baptista F. de Mello.

Na Geografia escolar essa concepção ganha força tendo como respaldo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Geografia do terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental. Esse documento atribui grande notoriedade para as filosofias humanistas do qual o conceito geográfico de lugar renasce e ganha expressão. De acordo com o currículo, após um período de abandono verificado no uso do conceito lugar, houve a preocupação em recuperá-lo no interior de uma geografia nova que o trabalha enriquecendo pelas posições humanistas. O lugar como exposto no documento deixou de ser simplesmente o espaço em que ocorrem interações entre o homem e a natureza para incorporar as representações simbólicas construídas nessa relação (BRASIL, 1998).

Podemos destacar nesse estudo Helena C. Callai e Lana de S. Cavalcanti. Segundo Callai (2005, p. 234), "um lugar é sempre cheio de história e expressa/mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza". Para Cavalcanti (2011) o conceito de lugar deve ser uma referência constante, mediando o processo de ensino-aprendizagem, considerando o aluno como sujeito do processo. Dessa forma, ao estudar o lugar, podemos atribuir maior sentido aos conteúdos desde que façamos relações entre a realidade e eles.

Sendo assim, percebe-se que o conceito de lugar atravessa pela história e pelas tendências adquirindo novas roupagens e conteúdo. Diante disso, cabe agora refletir sobre a influência da fenomenologia na elaboração do conceito de lugar em Geografia Humanista, sobre a escala, as principais críticas e a cientificidade que envolve esse conceito.

LUGAR E FENOMENOLOGIA

Neste estudo preocupou-se em esclarecer e apresentar o método que a Geografia Humanista utiliza com mais frequência. O objetivo não é torná-lo metódico ou se alienar ao método, mas sim, possibilitar um melhor esclarecimento da ferramenta que influencia fortemente na concepção de lugar nessa abordagem. Essa geografia predispõe-se a utilizar também o idealismo, a hermenêutica, o existencialismo e a fenomenologia (MELLO, 1990). Porém, esse trabalho fará uma reflexão mais aprofundada desse último, pois acreditamos ser o mais representativo desse horizonte.

Segundo Merleau-Ponty (2011):

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: as essências da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "factidade". É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações de atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma "ciência exata", mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo "vividos". É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer [...] (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 1-2).

Assim, ela procura encontrar nas aparências, facilmente detectadas na experiência e no mundo vivido das pessoas, definir as essências. Uma filosofia que procura encontrar nos fatos

e acontecimentos as essências na existência. Dessa forma, ela suspende a realidade, fato conhecido como *époché* ou redução fenomenológica - de modo a eliminar todas as afirmações, conceitos e preconceitos a respeito do mundo - para ver o mundo assim como ele é, dando-lhe um estatuto filosófico.

De acordo com Goto (2013), Husserl vai chamar esse método descritivo de procedimento fenomenológico, no qual o retorno às "coisas mesmas" se reconstitui como princípio fundamental. Esse retorno nos dirige a atenção diretamente ao fenômeno, isto é, ao aparente, a tudo aquilo que aparece imediatamente à consciência. "Consiste aqui no retornar ao mundo prévio às teorizações, a um mundo que é vivo, originário e de onde parte toda posterior idealização científica" (GOTO, 2013, p. 41). Este retorno "as coisas mesmas" vai levar Marandola Jr. (2003, p. 224) a tratá-lo como "arqueologia fenomenológica" em seu estudo.

O retorno "às coisas mesmas" é uma tentativa de despir o objeto de toda a roupagem que não lhe é essencial, todas as formulações e teorizações que a ciência lançou sobre ele, portanto, se constitui em voltar o que o objeto é, como ele se apresenta na experiência para a consciência (MERLEAU-PONTY, 2011). Para Marandola Jr. (2003), essa busca do homem pelo mundo antes dos pré-conceitos e formulações científicas é o valor principal que deve ser alcançado.

Essa volta, segundo Merleau-Ponty (2011), é um esforço necessário para que possamos compreender o mundo objetivo e a sua complexidade, passando assim, a restituir à coisa sua fisionomia concreta, à subjetividade e sua inerência histórica, reencontrando os fenômenos e os organismos sua maneira própria de tratar o mundo.

Dessa maneira, Merleau-Ponty (2011) enfatiza que o mundo se constitui num meio natural, num campo dos pensamentos e percepções em sua totalidade e não em um objeto que possuímos a lei de sua constituição. Assim, buscar a essência do mundo é buscar de fato o que ele é, e não aquilo que ele se constitui enquanto ideia, essa é uma necessidade antes de qualquer tematização. "O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 14).

Desse modo, o lugar em Geografia, entre várias contribuições, é um reflexo da fenomenologia, pois é o principal conceito geográfico que parte do vivido das pessoas, que garimpa o significado real das coisas antes mesmo de qualquer formulação teórica. Trata-se de um conceito que não diz apenas do mundo concreto, ou por outro lado, do mundo subjetivo, ele é um meio termo entre esses dois polos, ele capta o mundo vivido que tem com

base o mundo físico, mas também envolve a subjetividade e intersubjetividade dos seres atuantes nele.

Na Geografia quem melhor faz o uso e a interpretação desse arcabouço filosófico, são os autores da Geografia Humanista, destacando, autores como Tuan(1982), Buttimer(1982), Mello(1990), Entrikin(1991), Seamon(2000), Gratão(2002), Marandola JR(2005), Relph(2012), Holzer(2016), e entre outros. Assim, preocupa-se compreender, igualmente, como esse método é visto pelos geógrafos e como ele se relaciona com a Geografia.

Para Seamon (2000), a fenomenologia em termos mais simples, é o estudo interpretativo da experiência. O objetivo é examinar e esclarecer as situações humanas, eventos, significados e experiências. Dessa forma, lugar fenomenológico pode ser considerado como um lugar da experiência passível de ser interpretado.

A fenomenologia oferece os instrumentos necessários para a Geografia explorar algumas condições e forças unificadoras da experiência humana do mundo. Condições e forças que são facilmente percebidas e encontradas no mundo vivido das pessoas, isto é, no lugar, pois essa filosofia empenha-se em desbravar os meandros dos significados e da qualidade de vida dos homens nesse meio (BUTTIMER, 1982). Esse fator permite um bom diálogo entre esse instrumento e essa ciência.

Relph (1970) vê na fenomenologia um método filosófico que enfatiza a descrição do mundo cotidiano do homem, valorizando cada ação, lembrança, fantasia e percepção, reforçando papel desse instrumento na interpretação de significados e símbolos construídos no espaço. Atributo que em Geografia que é exercido pelo conceito de lugar.

Marandola Jr. (2013, p. 59) versa que "[...] a fenomenologia se afirma, ao lado do pensamento social e filosófico contemporâneo, como uma possibilidade para compreensão da experiência no mundo atual, suas angústias, crises e transformações". Como confia o autor, o ponto primordial que liga esse instrumento ao estudo geográfico é a sua forma de considerar a relação homem-meio. Ele complementa ainda, que quando o existencialismo se reúne com esse método permite-nos explorar melhor a existência e a experiência humana.

Ao falar dessa junção, faz valer algumas características desse arcabouço metodológico, tais como:

- Importância das metas, intenções, propósitos e valores, rejeitando a abstração e objetividade da ciência;
- Ausência de metodologia claramente definida;
- Importância de formas não empíricas de obter conhecimento, tais como a intuição;
- A meta de determinar a estrutura da forma da experiência humana (no caso geográfico, a estrutura da experiência humana do meio ambiente geográfico, de lugar, de região etc. (MARANDOLA JR, 2003, p. 41).

Em termos mais práticos, Pereira (2003), realça a fenomenologia como uma orientação metodológica que:

- Utiliza técnicas de observações, questionários, entrevistas, depoimentos e entre outros;
- Enfatiza o estudo de eventos únicos evitando generalizações e eventos gerais;
- Incorpora o indivíduo no processo de construção do conhecimento, considerando cada indivíduo em suas especificidades;
- Resgata as noções de espaço e de lugar, e junto com eles a ideia de percepção, valores, comportamentos, atitudes e motivações;
- Prioriza aspectos relacionados a subjetividade, intuição, simbolismo, sentimentos e experiências. O espaço torna-se concebido pelo espaço presente.

Nesse sentido, tanto os aspectos apresentados por Entrikin(1991) quanto por Pereira(2003) são úteis para uma investigação prática e teórica que envolva o lugar na concepção da Geografia Humanista. Selando, em termos gerais, a fenomenologia com a Geografia, Holzer (2011, p. 113) discorre que "o mundo geográfico só é autenticamente acessível a partir do nível da experiência vivida, em que o terrestre e o humano se ajustam a uma medida original". Assim, por meio do retorno "às coisas mesmas" se reconhece o espaço geográfico, em especial, a relação visceral do homem com o espaço. A fenomenologia modificou completamente o modo como os geógrafos enxergavam o lugar, inclusive, a respeito de sua escala, aspecto a ser tratado na próxima subseção.

A ESCALA DO LUGAR

A noção de escala é algo sempre questionado, quando se fala de lugar. De tal modo cabe então refletir a respeito. De acordo com Tuan (2013), a Geografia Humanística reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição, apoiado nesse viés, considera que o lugar existe em diferentes escalas, que vai desde uma poltrona preferida até o planeta Terra, em seu todo.

Segundo Oliveira e Cavalcante (2009) esse Horizonte centra sua abordagem no indivíduo e seus temas de estudos estão identificados com a investigação da experiência humana. Nesse aspecto, numa desde a escala local construída pelos indivíduos e grupos sócias, como também, embora em nível mais simbólico do que vivido, na escala da cidade, no

fervor patriótico e no zelo com o planeta, claramente relacionados, a tempos de consciência ecológica e da velocidade intensificada pela internet e meios de comunicações (TUAN, 2014; MELLO, 2012). Bartoly (2011) alerta-nos: a escala do lugar não necessariamente se reduz à escala local. As práticas sociais se tornaram mais ou menos confusamente multiescalares, como sublinhou Lacoste (1988).

Depois de discutir o panorama a respeito do lugar consideremos levantar o seguinte questionamento: a escala do lugar poderia ser a relacionada à escala do corpo? não a do corpo como objeto, mas enquanto relação desse com e no mundo, o corpo que experiencia o lugar. Em suma: nessa trilha há uma inseparabilidade corpo-mente. Visto que, o corpo é a morada do ser e é através dele que percebemos o mundo, o transformamos. Onde o corpo pode ir, onde ele pode se sentir bem se torna passível de se constituir um lugar.

O corpo para o ser humano é aquela parte do universo material que se conhece mais intimamente, é uma condição para experienciar o mundo, mas, sobretudo, é um objeto acessível cujas propriedades podemos sempre observar. O mesmo está impregnado de valores, resultado de tensão das funções fisiológicas com o mundo, de tal maneira, carrega emoção e experiências íntimas (TUAN, 2013).

Ainda para a Tuan (2014), os seres humanos são corpo e mente. Falar de corpo é falar de sentidos, uma vez que, por meio desses fazemos o contato com o ambiente, logo, a relação temporal trata de significar essa relação, construindo lugar. Já a mente não se evade ao lugar que a circunda, mas se expande na dimensão de outros mundos. Tuan (2014) ao fazer analogia do corpo e mente com o lugar e o espaço, considera o corpo como lugar e a mente como o espaço.

Fremónt, (1980) destaca que "O corpo transporta e concentra todas as rugosidades do espaço que o envolve". Já o destaque de Tuan (2013) diz que, "o corpo é uma 'coisa' e está no espaço ou ocupa espaço". O corpo, como um todo, ganha significativo papel para a compreensão da espacialidade humana, visto que é "por meio do meu corpo que eu sou admitido no mundo espacial" (BOLLNOW, 2008).

Assim, não podemos de fato restringir à escala micro ou local. Pois existe uma série de condições que conduzem as pessoas vivenciarem mais ou mesmo menos os lugares em níveis e intensidades local e global. Uma vez que "uma característica das pessoas modernas é que elas não se sentem limitadas à comunidade e ao lugar" (TUAN, 2014, p. 8), indo muito além, principalmente, por meio das ondas da internet e da velocidade dos fluxos de toda a ordem. Isso não significa dizer que as pessoas não precisem mais de um lugar, esse é uma necessidade fisiológica e existencial, mas que elas têm mais possibilidades de conhecer

outros, o que implica que a escolha do lugar está passando a ser mais autêntica do que alienada e sem alternativa.

CRÍTICAS ATUAIS À CONCEPÇÃO DE LUGAR NO HORIZONTE HUMANISTA

Buscamos discutir algumas críticas a respeito do lugar na concepção apresentada, tendo em vista as diversas observações e pontuações que alguns geógrafos realizam a respeito do lugar, em especial aqueles do horizonte crítico. O objetivo então, não é rebater todas as críticas, mas também considerá-las, até mesmo para fortalecer esse conceito.

Como menciona Buttimer (1985, p. 228) o “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”, porém o que observamos em nossas leituras, principalmente, nas primeiras obras dessa corrente que algumas sequer mencionam a dimensão política do lugar, apesar de Souza (2012) nos alertar que o lugar está mais para a dimensão cultural-simbólica do que a dimensão política.

Talvez esteja nessa questão, a grande crítica do lugar nessa abordagem, se buscamos valorizar o homem em sua relação visceral com o espaço, considerando-o em suas emoções, gostos e desgostos, temos sim, que integrar a dimensão política. Como disserta Aristóteles (2006) o homem é um animal político. O conflito na Geografia acadêmica por um local permanente da Geografia Humanista nas principais questões é uma luta política. O estudo do lugar enquanto fundação do homem no espaço também deve ser, uma vez que a vida política é inseparável do homem, uma vez que "se não chora não mama", ou seja, se não se reivindica que as pessoas têm uma necessidade visceral de possuírem um lugar, se não se reivindica que os lugares devem ser respeitados, e que se aquelas pessoas que ali habitam ensejarem permanecerem nesses lugares, elas devem receber subsídios se assim desejar. Se não vamos à luta, pouco ou quase nada vale a discussão que o lugar é um centro de valores para as pessoas. Enfim, o direito de possuir um lugar, de habitar um espaço, é um direito que apesar de ser indiretamente garantido, deve ser constantemente reivindicado e ampliado, abrangendo assim, a dimensão política.

Outro aspecto que se nota, é que pouco ou quase nada se considera que vivemos em um mundo capitalista, uma sociedade que segrega as pessoas por classes, por cor, por sexo, por condição sexual, por gênero, por localização... Considerar essa dimensão é fundamental para que analisemos as principais questões debatidas por meio do estudo do lugar.

Outro tema bem polêmico, a alienação, as identidades congeladas, e os preconceitos que o discurso do lugar pode esconder. Harvey (2012) é um crítico dessa questão e teme o

caráter conservador e reacionário das identidades fixadas e celebradas, criticamente não pensada, entorno a discursos impregnados de questões ideológicas. Estaria aí o resultado que se deu na Alemanha na Segunda Guerra Mundial? Bem, toda ideia ou projeto de valor, de grande relevância para a sociedade, quando não bem utilizada e bem intencionada, pode facilmente ser utilizada para a manipulação, a articulação com projetos de "sociedades que querem dominar o mundo" e até mesmo para fazer guerras.

O primeiro exemplo é a própria Geografia, que foi muito tempo utilizada para fazer a Guerra, uma Geografia do estado e a outra dos professores, como nos alertou Lacoste (1997). A Geopolítica desenvolvida por Ratzel, que foi negativamente utilizada na Segunda Guerra Mundial, mas tarde conhecida como fantasma de Ratzel. O que dizer de invenções como o avião de Santos Dumont, e a fissão nuclear de Albert Einstein, negativamente utilizadas nos conflitos mundiais.

Dessa forma, entendemos que o produto nem sempre deve ser analisado pela sua má utilização, ora influenciado por um discurso ideológico dominador, se fosse assim, não teríamos mais a Geografia, nela não se estudaria a Geopolítica, o avião não seria um dos transportes mais dinâmicos e mais utilizados no mundo, a fissão nuclear não seria utilizada para gerar energia, não seria utilizada na medicina... Deve-se agradecer a Harvey (2012), bem como outros autores que fazem essa crítica, pois eles nos alertam da ferramenta que temos na mão, e como não utilizá-la para gerar esses problemas apresentados. Devemos lembrar ainda, que tudo quando utilizado desenfreadamente, fora da ética, sem reflexão e leitura de mundo gera, cria e prolifera preconceitos e uma visão de mundo alienada. Porém, todas essas questões não devem desmerecer o lugar, e tão pouco justificar que ele deva ficar na gaveta como ficou por muito tempo.

Estaria o lugar fadado ao desaparecimento frente ao processo de globalização e ao mundo moderno? Para Santos (2012b) "quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos". Partindo do princípio que todo lugar é único, a ciência apresenta-se com o papel de desvendá-lo e desmitificá-lo, cada qual com suas características e particularidades. Se fôssemos avaliar por essa perspectiva, o estudo do lugar não se reduz, ao contrário, amplia-se na dimensão do mundo.

Por outro lado, como nos alerta Tuan (2014), os lugares no período moderno carecem de peso, pois eles não têm o mesmo caráter emocional que já possuíram, as respostas para essa questão são variadas e de certa forma estão em construção:

Eu não havia percebido a total extensão do impacto que as inovações tecnológicas poderiam ter em nossas mais básicas experiências de espaço e lugar e, portanto, também nas mais íntimas relações e ligações humanas. Uma intimidade resfriada, um afrouxamento dos laços, uma maior "leveza de ser", nesse sentido, uma coisa boa, já que tende a nos prover maior autonomia e liberdade (TUAN, 2014, p. 13).

As inovações tecnológicas dão mais poder de escolha e mobilidade para as pessoas, e esse poder aumenta conforme a classe social. Talvez isso signifique liberdade, e leve as pessoas a conhecerem outros lugares, mas as pessoas ainda precisam de um lugar. O que aumentou foi a liberdade de escolha e, conseqüentemente, a desalienação a um específico, visto que hoje há possibilidade de conhecer outros, mesmo que não presencialmente.

É muito interessante que os conceitos mudem de acordo com as novas realidades e com as novas gerações. Lowenthal (1982), acredita "a visão do mundo que os geógrafos constroem deve ser criada a cada geração, não somente porque a realidade muda, mas também porque as preocupações humanas variam". Essa mudança torna o estudo dos conceitos cada vez mais único, assim como os lugares.

Marandola Jr. (2012) fazendo uso do pensamento de Relph (1976), acredita que esse enfraquecimento se deve pela produção social globalizada, que gerou tal desestabilização, introduziu ao cotidiano risco e insegurança. Porém, como afirma o autor, o lugar se enfraqueceu apenas em seu sentido social e não ontologicamente, tendo em vista que a constituição de lugar continua essencial para a segurança ontológica e a autenticidade da identidade.

Mas se fôssemos analisar por meio do pensamento de Santos (2011), chegaremos à conclusão que a globalização não "globaliza" todas as pessoas, os locais são cada vez mais globalizados, as relações econômicas e políticas também, mas nem todas as pessoas desfrutam do poder de descolamento e comunicação que a globalização oferece. A globalização da forma que é feita, é perversa e acaba incluindo as pessoas no sistema, as marginalizando e as excluindo de seus benefícios, ela é uma verdadeira sistemática fábrica de perversidades. Dessa forma, nem todos os lugares foram afetados em seu sentido social.

Segundo Souza (2012, p.119) "um tal enfoque nostálgico do lugar tem sido mais recentemente criticado como uma super-romantização, em contraste com um 'sentido global de lugar' mais progressista". Não se trata aqui de discutir se um conceito é ou não é progressista. O conceito por si só nunca poderá ser progressista se não são as pessoas que o utilizam e dão significado prático para ele. Muitas vezes o uso exagerado do conceito em sua perspectiva política e principalmente econômica, acaba desconsiderando os aspectos culturais

e afetivos ("enfoque nostálgico"; "super-romantização"), e acaba desconsiderando tanto ou mais o homem do que a perspectiva positivista.

Talvez seja romântico acreditar que as dimensões afetivas e simbólicas do homem devam ser consideradas na construção de um mundo cada vez mais homogeneizado, que a constituição do lugar é uma restrição para poucos, que essa constituição é essencial para o ser humano em todas as suas dimensões, que existe nesse mundo um descaso com as pessoas que não possuem dinheiro e status político para adquirirem seu próprio lugar, sendo essas mantidas em lugares precários ou mandados para locais construídos sem se quer valorizar a identidade de quem vai habitá-los... Esses aspectos ligam-se, igualmente, a questão científica do conceito de lugar, que esse trabalho pretende debater logo a seguir.

O LUGAR, UM CONCEITO TOTALMENTE CIENTÍFICO?

O lugar na abordagem Humanista busca-se aliar a uma nova forma de fazer ciência, assim como defende a fenomenologia, uma ciência que não seja sem homens, sem emoções, que desconsidera as coisas como elas são. Para Marandola Jr. (2003) um dos desafios é trazê-la para o cotidiano, para a sociedade e para o homem. A pouca importância dada pela ciência a essas questões, simplificam a capacidade humana de saber, criar e ofuscar (TUAN, 1982).

Uma das grandes críticas dos pensadores humanistas à ciência é a crença que a concepção de verdade, seja atribuída unicamente e exclusivamente à razão científica (MARANDOLA JR., 2003). De acordo com Dardel (2011, p. 4) "alcançamos uma fronteira que a ciência do laboratório nos proibirá de atravessar, mas que ultrapassaremos, em direção a um mundo irreal onde uma geografia permanece subjacente". Assim, de certa forma, o conceito lugar não se restringe a ciência, ele está nela e além dela.

O perigo aparece quando o cientista ingenuamente procura impor suas descobertas ao mundo real, porque talvez esqueceu que a simplicidade dos seres humanos é uma tal suposição, e não uma descoberta ou uma conclusão necessária das pesquisas. [...] Temos o hábito de negar ou esquecer a verdadeira natureza de nossas experiências em favor dos chavões dos discursos públicos (TUAN, 2013, p. 247).

Dessa forma, postulamos a não imposição dos resultados encontrados para a academia ou até mesmo para os envolvidos em determinada pesquisa. Acreditamos que o diálogo é uma ótima tentativa de mostrar para a sociedade que aquilo que se apresenta por meio do estudo do lugar é valioso, seja ele por meio do método científico ou outro meio de adquirir conhecimento, que não possui uma única forma de se enxergar o mundo e apresentar o objeto

de estudo, sendo assim, as artes, a música, a literatura também são ferramentas não científicas válidas para tal abordagem.

À GUIA DE ÚLTIMAS PALAVRAS

O lugar, a partir da perspectiva humanista, se desloca de um sentido neutro, de simples lócus, para um sentido humano de espaço, ou seja, as dinâmicas humanas da experiência, significados e sentimentos é trago para dentro do debate geográfico. O lugar, nesse sentido, passa a ser visto e expresso juntamente com as pessoas de forma subjetivas relacionando-os a espacialidade geográfica.

Nem sempre foi assim, como visto nesse trabalho, a força filosófica da fenomenologia no campo das ciências, juntamente com outras filosofias dos significados, pode ser considerada como uma das principais tendências que levaram as ciências a verem o mundo vivido e observar a sua subjetividade, na Geografia, esse papel ficou a cargo da Geografia Humanista, que resgatou na fenomenologia o seu arcabouço filosófico, e utiliza o lugar como uma das suas principais ferramentas de leitura da realidade espacial e das conjunturas humanas como a literatura, música e arte.

Assim, o descolamento das limitações impostas pelo positivismo com o uso de métodos alternativos oxigena e conecta a Geografia como uma ciência que para analisar e entender a subjetividade dos fenômenos humanos e das suas relações (complexos e de difícil mensuração) utiliza um arcabouço que capta a experiência vivida, enfoca o imaterial e o imaterial como visões de difícil separação, se põe como método flexível, alternativo e personalizável, a disposição do estilo do pesquisador e do contexto analisado.

A escala do lugar é algo ainda pouco consensual na Geografia, sabe-se que ela não pode ser reduzida ao local, tampouco excluir o global, contudo, o corpo parece ser a única escala que engloba uma visão escalar, portanto, se deixa a seguinte questão: não seria o corpo, no sentido existencial, a principal escala do lugar? Como todo arcabouço teórico, o mesmo não escapa de críticas e apontamentos, àqueles que debruçam em seu estudo devem se ocupar de responder essas críticas, produzir reflexões a respeito delas, demonstrar as possibilidades, defender seu posicionamento e lutar para que os perigos relacionados a uma má utilização teórica não se internalize em suas práticas.

O lugar, assim como a Geografia Humanista, não deve se limitar ao campo da ciência, como defendeu Dardel (2011), pois o mesmo também se encontra na literatura, na poesia, na música e, em termos gerais, nas artes. Portanto o fato de não ser ciência não pode ser julgado

como um conhecimento inferior ou superior, mas como um conhecimento possível, real e transformador. Assim sendo, espera-se que as discussões teóricas levantadas nesse trabalho possam subsidiar novas reflexões e questionamentos que não se encerram ao recolher desta escrita!

Trabalho enviado em Junho de 2017
Trabalho aceito em Novembro de 2017

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- AGNEW, J. Space and Place. In: AGNEW, J.; LIVINGSTONE, D. (eds.) **Hanbook of Geografical Knowlegde**. London: Sage, 2011.
- BARTOLY, F. **Debates e perspectivas do lugar na geografia**. **GEOgraphia**, Niterói, RJ, v. 13, n. 26, p. 66-91, 2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia (terceiro e Quarto Ciclo do Ensino Fundamental)**: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, 156 p.
- BOLLNOW, O. F. **O homem e o Espaço**. Tradução de Aloíso Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2008, 327 p.
- BUTTNER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 165-193, 1982.
- CALLAI, H. C.. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, SP, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.
- CAVALCANTI, L. de Souza. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, atitudes**. In: Seminário Nacional: Currículo em movimento, 1, 2011, Belo Horizonte. **Anais...** Brasília: Ministério da Educação, 2011.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**; tradução Werther Holzer. – São Paulo: Perspectiva, 2011, 113 p.
- ENTRIKIN, J. N. **O humanismo contemporâneo em Geografia**. Boletim Geografia Teorética, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.
- FERREIRA, L.F. **Acepções recentes do conceito de lugar esua importância para o mundo contemporâneo**. Revista Território - Rio de Janeiro, ano V, n" 9, pp. 65·83, jul./dez., 2000 http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/09_5_ferreira.pdf

FÓUREZ, G. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: UNESP, 1995.

FREMÓNT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980, 220 p.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GOTO, T. Akira. **Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: a necessidade de um geografia fenomenológica**. Geograficidade, v. 3, n. 2, p. 33-48, inverno 2013.

HOLZER, W. **O Lugar na Geografia Humanista**. *Território*, v. 4, n. 7, Rio de Janeiro: UFRJ, p. 67-78, jul.-dez., 1999.

_____. **O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea**. *GEOgraphia*, Niterói, RJ, v. 5, n.10, p. 113-123, 2003.

_____. **O método fenomenológico: Humanismo e a construção de uma Nova Geografia**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Temas e caminhos da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 37-71, 2010.

_____. **A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel**. In: DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica; tradução Werther Holzer*. – São Paulo: Perspectiva, p. 141-159, 2011.

JAPIASSÚ, H. e MARCONDES, D. 2001. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 296 p.

LACOSTE, Y. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1997, 263 p.

LEITE, A. F. **O Lugar: duas acepções geográficas**. Anuário do Instituto de Geociências (UFRJ. Impresso), Rio de Janeiro, v. 21, p. 8-19, 1998.

LOWENTHAL, David. **Geografia, Experiência e Imaginação**. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, p. 165-193, 1982.

MARANDOLA JR., E. "Londrinas" invisíveis: percorrendo cidade imaginárias. 2003, 254 f. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, 2003.

_____. **Sobre ontologias**. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). *Qual o espaço do Lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, p. XIII-XVII, 2012 (Estudos; 302).

_____. **Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea**. Geograficidade, Niterói, RJ, v. 3, n. 2,

p. 49-64, Inverno 2013.

MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do Lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, 307 p.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **A Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo.** Revista Brasileira de Geografia.

_____. **O Triunfo do Lugar Sobre o Espaço.** In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs.). Qual o espaço do Lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p. 33-68, 2012 (Estudos; 302)

_____. **Geografia humanística ± uma bibliografia.** In: Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: NEPEC/UERJ, n.3. p. 42-47. 1997b.

_____. **Em defesa do Indivíduo nos Estudos Geográficos.** IN: I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. Eixo Temático: v. II , Rio Claro: UNESP, 1999.

_____. **Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade ± o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos.** Tese (Doutorado em Geografia) ± Instituto de Geociências, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

MORIN, E. **Ciência com consciência.** Tradução Maria D. Alexandra e Maria A. S. Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, 344 p.

OLIVEIRA, C. D. M.; CAVALCANTE, Tiago Vieira. **O estudo da terra como lar das pessoas.** GEOUSP: Espaço e Tempo (Online), São Paulo, n. 25, p. 41-52, aug. 2009.

OLIVEIRA, L. **O Sentido de Lugar.** In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). Qual o espaço do Lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p. 3-16, 2012. (Estudos; 302).

PEREIRA, L. A. G.; CORREIA, I. S.; OLIVEIRA, A. P. **Geografia Fenomenológica: espaço e percepção.** Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 11, n. 35, p. 173-178, Set. 2010.

RAMÓN, D. G. (org.). **Teoría y método em la geografía anglosajona.** Barcelona: Ariel, p. 227-241, 1985.

RELPH, E. **Place and placelessness.** London: Pion, 1976, 156 p.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** São Paulo: Edusp, 2004, 285 p.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: BestBolso, 2011, 143 p.

_____ **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia.** São Paulo: Edusp, 2012b

SEAMON, D. **A way of Seeing People and Place: Phenomenology in Environment - Behavior Research.** In: S. WAPNER e et al. (eds.), *Theoretical Perspectives in Environment - Behavior Research*, New York: Plenum, p. 157- 178, 2000.

SOUZA, M. L. **Os conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, 320 p.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico.** Presidente Prudente: Unesp, 2003, 218 p.

SUESS, R. C. **Geografia Humanista e ensino-aprendizagem: perspectivas em Formosa-GO.** 2016, 171 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia. Universidade de Brasília (UnB), Brasília – DF, 2016.

TUAN, Y-F. **Space and place: humanistic perspective.** In: GALE, S; OLSSON, G. (orgs.). *Philosophy in Geography.* Dordrecht: Reidel, p. 387-427, 1979.

_____. **Geografia Humanística.** In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectiva da Geografia.* São Paulo: Difel, p. 143-164, 1982.

_____. **Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista.** *Geograficidade*, v. 01, n. 01, p. 4-15, Inverno 2011.

_____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2013a, 248 p.

_____. *Space and Place* 2013. **Geograficidade**, v. 4, n.1, p. 4-13, verão 2014.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Pensamento e linguagem.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica de José Cipolla Nelo. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, 194 p.